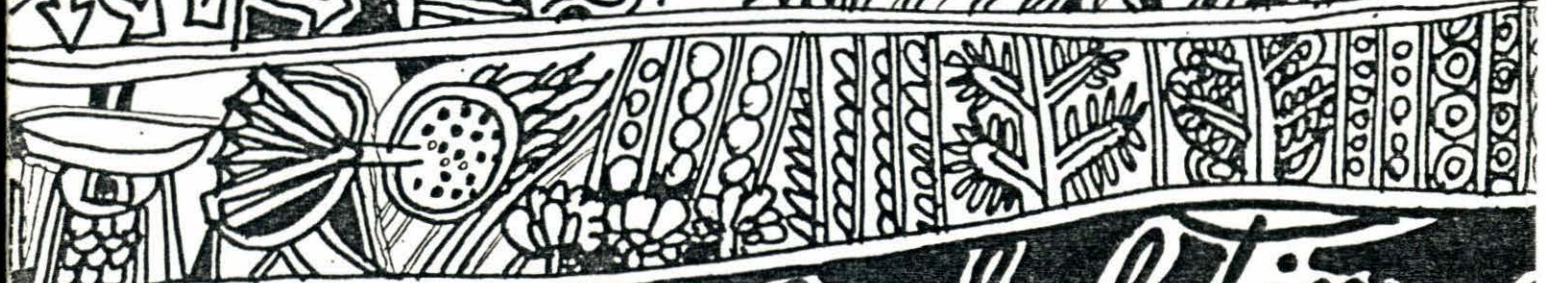


Internacional



Boletim
numero um
1985

PERFIL

Quem é o cooperador do CEDI ?

Tem 35 anos.

Talvez um pouco mais, talvez um pouco menos.

Aberto, interveniente, teve o privilégio de ser contemporâneo

do Maio de 68

da guerra colonial

do fascismo em Portugal

e do 25 de Abril

Que viveu com entusiasmo.

Privilegiou no período subsequente a acção cultural de base e/ou a alfabetização e/ou a militância em organizações e associações populares.

Hoje não tem partido.

Aposta com algum sucesso na realização profissional. Curta aliás, para preencher os espaços e sonhos abertos de uma vida histórico-socialmente profícua.

É provavelmente professor (30%) - dos quais metade no ensino superior - ou, talvez, economista, sociólogo, engenheiro ou arquitecto (20%) ou mesmo assistente social (10%).

Provavelmente casado. Ou talvez não. Namorado, descobrindo aliás que está na melhor idade para o (saber) fazer.

Mora em Lisboa (+50%), ou no Porto (10%) mas também pode morar em Guimarães, Caldas da Rainha, Torres Vedras ou Algarve.

Um pouco desiludido no morno e sensaborão ano de 84 e no de 85, tal como se adivinha.

Assume, aliás, meio encoberto mas indisfarçável, um certo "luto" pelas pelepas, vivências, pela vida vivida que receia (sabe) se não repetir. Mas tem esperança.

Difusa na sociedade. Mais concreta em si próprio. Descobre agora o universo das pequenas grandes coisas. O estar com os amigos, o saborear dos pequenos momentos e no aprender em como eles são determinantes no dia a dia.

Conforta-o uma maturidade menos conflituosa e mais arguta.

Abandonou um certo "espírito épico" do pós 25 de Abril, mas não perdeu, ainda que eventualmente nem sempre assumido, um certo "romantismo social" que resulta de uma sensibilidade fina para a problemática social articulada com uma matriz intelectual e comportamental de homem ou mulher progressista.

Cauteloso, às vezes de mais, em assumir responsabilidades e novas tarefas, sente-se às vezes asfixiar nesta sociedade esterilizante da iniciativa e de espaços para a inovação e para a discussão de novas propostas, perspectivas e acções.

Talvez por isso fundou e aderiu ao CEDI. Um desafio novo. Para viver neste ano (quem nos dera novo) de 85.

luís martins



UMA APOSTA PARA VENCER'

" Porque agora, como sempre, é o teu empenhamento o capital único real e sólido com que contamos. E sobretudo hoje, é nisto em que fundamentalmente apostamos.

E com esta aposta, amigo, as tuas perguntas às nossas perguntas só têm uma resposta. Nós vamos ganhar!"

Foi há precisamente um ano que o dissemos. Hoje quisemos repeti-lo. Porque há coisas que importam se saibam. Antes de mais, que aqui estamos. Hoje, como há um ano, Procurando neste tempo, novas formas, novas maneiras de partilhar anseios, sonhos e esperanças.

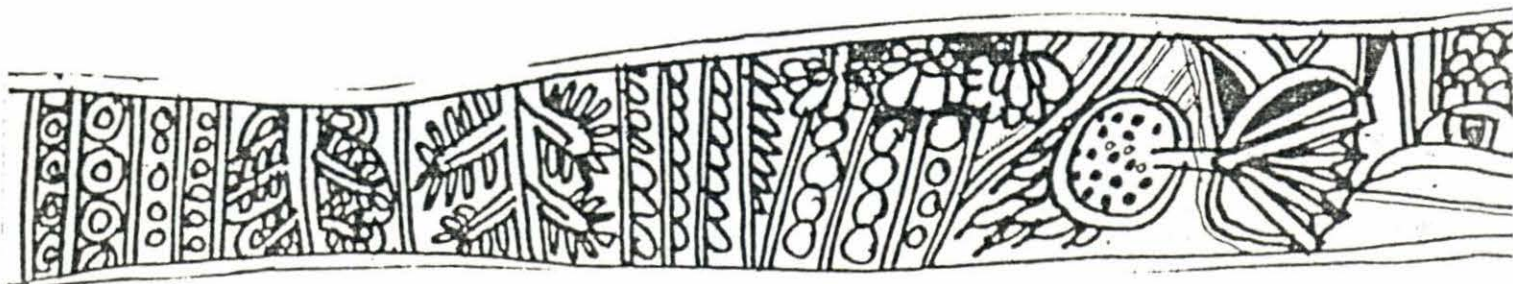
Chamamos CEDI a esse pequeno espaço de encontro que com esforço estamos criando. Com dificuldades também. Pouco mais de quarenta, somos quantos nos contamos. Juntos nesta aposta. Para valer.

Sabemos talvez ainda mal como construir e o que construir em conjunto.

Mas seguramente sabemos o que não queremos, a ruptura que urge fazer. Quanto à gestão tipo das associações culturais, da falta de compromisso, de empenhamento e sobretudo de rigor. Quanto ao tipo de trabalho, à sua utilidade produtividade ao serviço da acção sócio cultural que traduza a solidariedade entre pessoas, grupos e populações. Quanto às "grandes" discussões se elas não forem um alicerce sólido para uma acção mais produtiva e de qualidade. Enfim, criamos um espaço a que chamamos CEDI.

Que queremos novo. Novo quanto a práticas de trabalho, quanto a perspectivas e projectos e tipo de estrutura organizativa. Novo porque urge responder com premência, com talento e neste tempo, a preocupações e vontades fundas.

Estamos, tal como dizíamos no folheto de lançamento da cooperativa, numa aposta. Que estamos construindo no quotidiano. Nas pequenas grandes tarefas.



Se o ano de 84 foi o de lançamento do CEDI, o de 85 tem de ser o da sua implantação.

Se em 84 conjugámos no futuro este nosso projecto, é fundamental que em 85 inventemos outras formas de o fazer.

Mas tal como ontem, nós aqui estamos. Hoje. Simplesmente isto, Não ignoramos dificuldades. Mas assumimos no quotidiano com mais ou menos eficácia, com mais ou menos talento, uma convicção: Nós não somos dos que desistem.

E a nossa aposta decisiva, amigo, é podermos dizer aqui contigo e em conjunto:

Nós somos dos que vamos prová-lo '

Um abraço amigo
da Direcção



REDACÇÃO

=====

28 de Setembro de 1984, Sábado lindo e ameno, passado no Forte de Catalazete.

Deu-se uma espreitadela ao mar, manso a concordar com o dia. Nas rochas em frente, um canavial, não para protecção de imaginária cultura, a defender dos ventos, mas cada uma nas mãos de alguém que aproveitava o tempo de lazer para se descontraír, jogando às escondidas com algum peixito incauto. Como quase sempre sucede com este desporto, não vi nenhum cair na armadilha.

Esta mini excursão (o C E D I poderá organizar outras) de poucas dezenas de metros, entre a sala que nos isolaria todo o dia, e o terraço sobre o mar, foi um intervalo antes do começo porque ... bom, a maior parte fomos de combóio, e depois, demos corda aos sapatos e, bocado estrada bocado vereda, nem todos vencemos esses e outros obstáculos simultaneamente. Penso que já perceberam! Chegamos atrasados.

Começamos aproximadamente pelas 11h. Não reparei que horas eram porque não me passou pela cabeça que teria que fazer uma "redacção". Se eu fosse jovem, e não pertencente ao grupo maioritário da 2ª idade, faria uma "composição". Assim faço uma redacção, sem grande rigor, porque não sei a que horas começamos. Vocês secalhar sabem e isso suprime esta minha falta.

Estávamos então no começo de um dia de trabalho.

Fez-se uma rapidíssima apresentação, o suficiente para se ficarem a conhecer os que já se conheciam, e dividimo-nos em dois grupos. Um para pensar e dizer coisas, sobre a área das publicações e outro, de igual incumbência, mas de diferente temática- Centro de Estudos e Documentação. Mais tarde dei conta de que havia dois "isolados" que formavam um 3º grupo. Foram os primeiros a acabar o trabalho, e um deles, até veio de mansinho sentar-se perto do meu grupo.

Os nossos assuntos não o motivaram tanto, que o impedissem de, também de mansinho, se escapular para o ar livre, do já descrito lindo dia.

Eu, cheia de injeção, mas fiquei até à hora de almoço e no "post prandium" até às 17,30h. Entretanto, à volta da mesa, disseram-se muitas coisas, certas e bonitas, sobre palavras também certas e bonitas, entre as quais:

- .os objectivos
- .os conteúdos
- .a metodologia
- .as estratégias
- .o público a atingir, etc

Outras palavras igualmente certas e bonitas, mas menos certas (de atingir) também foram ditas.

.a publicação a sair deve autofinanciar-se na ordem dos 80% ou no mínimo em 60%

.é preciso rigor científico

. " " profissionalismo

. " " competência

. " " boa gestão

. " " boa organização

. " " aprofundamento de temas

. " " definição de uma linha redactorial

.o bom é fazermos uma revista

. " " " " cadernos

. " " " " boletins

.a revista deve ter uma separata tratando o desenvolvimento de um tema

.os temas devem "ser do futuro"

. " " " ser também do presente

.é preciso fazer investigação

vamos fazer uma nova revista ou a 3ª série de...?

.a antiga era maçuda, custava a ler

.não vale a pena fazer toneladas de publicações, para ficarem em casa (quando houver casa)

Muitas destas afirmações/interrogações, eu acho que eram esconjuros, lançados e muito bem, por quem tem um saber, também de experiência feito e não é novato nestas lides, como eu

Também houve um espaço de pedidos de esclarecimento, sobre a situação do CEDI, quanto à Direcção, legalização da Cooperativa, sede etc, mas tais assuntos foram remetidos para o plenário.

Pelas 18h, após um intervalo para café, lá nos encontramos todos novamente, mas agora à volta de um espaço comum.

Foi explicado o que se passara em cada um dos grupos e de seguida discutiu-se o problema da legalização da Cooperativa e os entraves que se têm sucedido por ausência do elemento da direcção que tinha ficado responsável por essa incumbência.

Assumi essa tarefa a Margarida, e quanto aos restantes elementos da direcção que não têm aparecido, responsabilizaram-se os suplentes, por assegurar as funções dos faltosos.

Em seguida, cada grupo apresentou a sua proposta de trabalho, que, com as achegas do colectivo, ficaram distribuídas mais ou menos do seguinte modo. O Grupo de Publicações, fará sair em Janeiro um boletim (para sócios e amigos), pelo qual ficou responsável o Alberto de Melo

Além de outros assuntos, esse boletim, contará a história do dia passado em Catalazete. Para tal, cada um dos participantes nesta reunião, ficou de enviar o seu ponto de vista do encontro (o seu exercício de redacção ou composição conforme a idade), até ao fim de Novembro. Com esses trabalhos, o responsável pelo boletim fabricará o seu "conto" sobre a reunião. O Grupo de Publicações, da área de Lisboa, ficou de entretanto obter elementos sobre custos, comercialização, difusão, editoras etc, no sentido da publicação da revista, que revista!

O Grupo de Colóquios (os dois isolados) propuzeram-se:

O Augusto Santos Silva, organizará no Porto, em Janeiro, um Colóquio subordinado ao tema "Dez Anos de Animação Cultural - Experiências e Perspectivas"

O Paulo Poiares, organizará igualmente um Colóquio, mas em Lisboa, cujo tema não ficou ainda assente (ou eu não percebi)

O Grupo de Estudos

Ficou de elaborar um guião de trabalho de campo, o qual servirá de apoio às associações, para organização de documentação.

Para já, expressou a urgente necessidade de um armário para começar a organizar a documentação já existente, mas dispersa

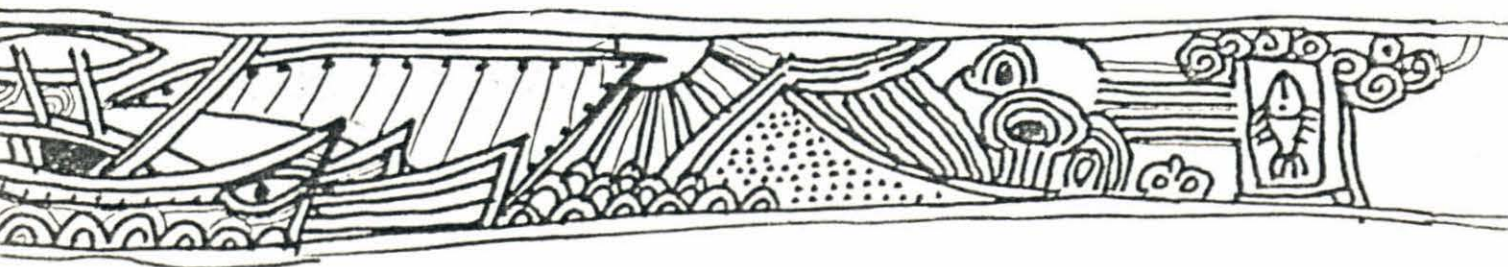
Em Janeiro serão definidas tarefas, actividades e projectos, tendo em conta a realização do encontro de Associações e Animadores, previsto para junho do próximo ano.

Foi um dia cheio, tão cheio que saímos da clausura por volta das 23h.

Marê alta de sonho, esperança, crítica construtiva toda ela, embora facilmente se percebesse a existência de duas correntes de estratégia. Uma de gente novata, tímida no caminho a seguir, querendo dar passos pequenos por se sentir insegura, e desconhecedora dos meandros destas coisas; outra em que elementos com mais traquejo, desejaria que tudo fosse mais rápido, sobretudo em relação à publicação da Revista.

Eu gostei muito do Sábado 28 de Outubro de 1984

Paulo Gabriel-Ribeiro



= NASCIMENTO, VIDA E MORTE DE UMA ASSOCIAÇÃO CULTURAL =

Hoje, dez anos após Abril e meio ano antes do "IV^o Encontro Nacional de Associações e Animadores Culturais" (no Ano Internacional da Juventude), vale a pena contar a história de uma das mais expressivas associações culturais do pós 25 de Abril.

Doze anos durou uma associação cultural do Porto conhecida entre os seus pares por CEEC (Centro de Estudos, Educação e Cultura). Doze anos em que mudaram os cenários e os actores, em que mudaram os espaços e os tempos também. Mas em que sempre houve uma constante - que agora não é dita, pois é a lição que se tira no fim desta história, como adiante se verá.

Tudo começou em 1971 numa sala de uma rua do Porto dita da Alegria. Um grupo de estudantes "dava explicações" a estudantes-trabalhadores, fazendo do CEEC um espaço de contestação à escola tradicional.

Em 74 rasgaram-se os espaços deste país e o CEEC deixou a sala e lançou-se no apoio à formação de comissões de moradores (Campo 24 de Agosto, Justino Teixeira, Presa Velha), à elaboração dos cadernos reivindicativos respectivos no âmbito do SAAL/Norte e à sua legalização; no apoio à criação de infantários próprios das associações, à feitura dos respectivos jornais/boletins e à realização de seminários de alfabetização. Da intimidade das lutas sociais emergia, assim, um outro conceito de cultura.

Em meados de 1975, cinco elementos da então Direcção-Geral de Educação Permanente do Porto entraram em ruptura com a restante parte da equipa. Eu fazia parte desse grupo. Com outros dois animadores, entramos no CEEC para virmos a desenvolver a ^{que} ficou conhecida por "experiência da Fapobol".

De 1976 até à nossa saída em 78/79, por motivos profissionais diversos, o CEEC alargou e intensificou o seu campo de intervenção a Gaia, Canidelo, Arada, Sé, Victória, Carvalhido, Francos, Fapobol, Sindicato das Empregadas Domésticas, etc.: perante o então denominado "refluxo do movimento popular", o CEEC procurou transformar-se de associação de apoio em associ-

ação animadora do movimento associativo da cidade e zonas limítrofes.

Mas não só da cidade, como também do país: foi assim que também impulsionou, juntamente com o CAOB (Centro de Apoio às Organizações de Base), a organização e a realização do "1º Encontro de Associações de Apoio aos Organismos de Base" em Coimbra a 18, 19 e 20 de Março de 1977; e foi assim também que participou na comissão organizadora, juntamente com a APAC (Associação Portuguesa dos Animadores Culturais), a "Intervenção", o CAOB e o GTAA (Grupo de Trabalho de Alfabetização de Almada), do "2º Encontro Nacional de Associações e Animadores Culturais" em Lisboa a 1, 2 e 3 de Dezembro de 1978.

Para transformar nesta direcção a sua acção, organizou-se internamente por departamentos: de alfabetização, jornalismo, saúde, áudio-visuais, música e animação infantil. Com elementos de cada departamento e com animadores locais projectou equipas polivalentes.

Foi certamente o período mais rico em experiência acumulada que o CEEC viveu: pela diversidade de espaços do tecido urbano, pelos tempos de luta e de festa, pelas gentes várias que o atravessaram, pelas populações diferentes com que trabalhou. Mas o grande e frágil personagem deste período - aquele que sempre esteve em cena - foi, sem dúvida, o movimento associativo. Sem ele, sem essa organização em risco das classes populares, o CEEC não tinha sido o que foi. Como diria o cantor popular: "Se poeta sou / Sei a quem o devo...".

De 79 a 83 foi o declínio, juntamente com o do movimento popular. O CEEC fez ainda parte, como membro suplente, do secretariado executivo do "3º Encontro Nacional de Associações e Animadores Culturais" em Coimbra a 21, 22 e 23 de Julho de 1979. Neste período o CEEC concentrou as suas forças na elaboração e aplicação do chamado "Projecto de SÉ" (campanha do lixo, levantamento demográfico, etc.), juntamente com a Junta de Freguesia respectiva e o Grupo de Apoio ao Bairro da Sé.

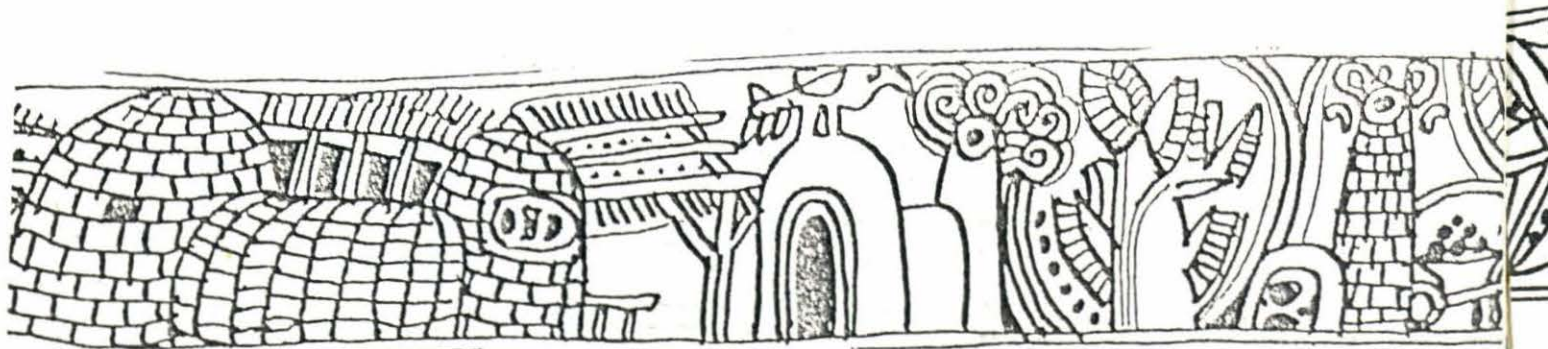
Morreu como sempre tinha vivido - e esta é talvez a lição a retirar desta história: articulando a animação sócio-cultural das populações e a sua educação permanente, à sua participação num desenvolvimento local integrado.

No CEEC não fomos apenas actores/espectadores do movimento associativo; fomos também, nele, actores/espectadores de nós próprios: nele descobrimos as diferenças possíveis da altura: a diferença entre a agitação e propaganda e a animação sócio-cultural; a diferença entre o tempo tensamente curto da tática política e o tempo tensamente longo da educação permanente; a diferença entre uma política (de desenvolvimento) cultural e os objectivos culturais de uma política de desenvolvimento local integrado.

E a partir dele- é bom lembrá-lo hoje -, estabelecemos uma rede com as outras associações e animadores no 1º, 2º e 3º Encontros Nacionais -, esses espaços ou forjas do projecto cultural necessário a um país em mudança.

H. Gomes de Araújo

(Henrique Gomes de Araújo)



ESPECIALISTAS

Os nossos dias são dos especialistas. A casa, o emprego, a rua e até as nossas diversões dependem deles, de uma ou outra maneira; são os nossos reizinhos. Reis ciosos da sua autoridade e venerados sem discussão. Não dispõem da pompa tradicional, mas conseguem efeitos semelhantes com a sua panóplia de teorias, técnicas e terminologia.

Ante eles, o cidadão comum está distante e ao mesmo tempo profundamente perto. Sim, porque todo este âmbito reservado, exclusivo, impenetrável lhe prepara e justifica a comodidade da delegação: são outros a resolver; homens, máquinas ou botões. Pouco importa que esta confiança se assemelhe a uma crença. Até onde nos levará esta feliz renúncia ...? Será que vamos perdendo gradualmente a faculdade, o instinto, de nos interrogarmos?

Um conferencista alertou-nos um dia com esta pergunta: porque é que quando accionamos o interruptor da luz se acende a lâmpada e não o fio eléctrico? Nesse gesto existe o mesmo acto de fé que durante todo o dia depositamos no progresso circundante. As nossas explicações - acrescentava - ficaram-se pelo funcionamento da bicicleta, um dos poucos ainda abertos ao nosso olhar.

A esta época, tão preocupada com a perfeição, talvez faça falta reivindicar o direito ao erro, à imperfeição sensível e inocente, à vida considerada como uma aventura permanente. Talvez estas inclinações, que apenas admitimos às crianças, possam modificar esta nova torre de Babel em que parece haver-se convertido o progresso.

Jorge Reyes Frías



